

TALVEZ TALVEZ



MIRELA
CABRAL

ABERTURA
27 de novembro • 19h

EXPOSIÇÃO
até 30 de dezembro de 2025

**PAULO
DARZÉ**

G A L E R I A

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8
Corredor da Vitória, Salvador



Beira-mar • 2025

Óleo sobre linho • 140 × 200 cm

**“O que me interessa é interagir
com o espectador porque
eu acho que a minha melhor
forma de interagir com
qualquer pessoa no mundo
é através da pintura”**



LUSCO-FUSCO • 2025

Acrílica e óleo sobre tela • 235 x 469 cm



TALVEZ TAL VEZ

Uma pintura conduz quem a observa a estados variados, nem sempre previstos por seu criador. Alguns artistas preferem apenas imaginar que seu trabalho despertará uma reação ou impulso, independentemente de ser considerado bom ou ruim. Ao desestabilizar as certezas na intenção de quem cria, estamos diante de uma suspensão do juízo, propondo que o trabalho de arte esteja aberto e distante da autoridade do discurso e do encerramento total do sentido: é isso ou aquilo? Essa indeterminação ocorre desde o primeiro embate com o suporte que abrigará os gestos artísticos e reservará ao espectador a continuidade da elaboração da pintura. Nesse sentido, qualquer produção se manterá viva a partir dos nossos múltiplos entendimentos e percepções enquanto observadores, apesar das escolhas de cada artista em relação ao seu processo de criação, da sua

intenção original (se isso existe) e busca de sentido. Em seu texto sobre a dúvida de Cézanne, Merleau-Ponty observa que o “pintor só pode construir uma imagem. É preciso esperar que esta imagem se anime para os outros”.

Em conversas que estabeleci com a artista Mirela Cabral, pude perceber como seu trabalho se distancia de determinações encerradas. Discorda da linearidade da História da Arte hegemônica e suas categorizações limitantes do que é “abstrato” e “figurativo”; e da classificação de gêneros pictóricos e suas hierarquias, como a “paisagem” ou “retrato”, por exemplo. Inquieta-se também com os silenciamentos impostos às mulheres no campo da arte: não apenas aquelas que, mesmo tendo alcançado a possibilidade de criar, foram esquecidas pela escrita oficial, mas sobretudo as anônimas, como suas avós, que

“pude perceber como seu trabalho se distancia de determinações encerradas”

talvez tivessem se tornado artistas. Quando apresentei para Mirela a artista Artemisia Gentileschi (1593-1653), concordamos na problematização dos cânones da representação. Para além da questão técnica, qual a diferença entre a heroína bíblica dela, pintada do ponto de vista da sua experiência enquanto mulher em 1600, e a de Caravaggio, por exemplo? Essa pode ser uma maneira de colocar em questão os paradigmas dominantes na historiografia da arte.

“A criação artística é muito complexa e múltipla, cheia de *talvez*”

As imposições surgem como formas de ordenação do que não pode ser ordenado. A criação artística é muito complexa

e múltipla, cheia de *talvez*. Longe de se apressar nisso ou naquilo, Mirela conta muitas histórias: *tal vez*, como em *tal momento*, isso ocorreu... E nem sempre o “tal vez” de suas memórias aparece em seus quadros de forma óbvia, muito menos os títulos entregam o caminho para uma leitura racional. Por



Outrora • 2025

Óleo sobre linho • 130 × 200 cm

isso, ao olhar seu trabalho, estamos diante de uma mistura de incertezas que fazem parte do que ele pode ser e não do que ele é.

Algumas referências parecem evidentes na superfície pictórica, em seu gesto artístico e naquilo que a inspira enquanto criadora, mas, justamente por não se estabelecer em possibilidades únicas, previsíveis

e estáveis, nem sempre isso transparece. Estão, portanto, nas entrelinhas da criação. Naquilo que podemos chamar de momentos de respiro: nas referências afetivas de sua família e do seu encontro com a natureza. Respirar faz parte da construção tanto do *talvez*, no sentido da indeterminação (das idas e vindas ao ateliê durante a negociação com o trabalho em andamento, por exemplo), quanto do *talvez*... ou seja, das suas histórias contadas.

“estamos diante de uma mistura de incertezas que fazem parte do que ele pode ser e não do que ele é”

Portanto, o dinamismo da criação de uma tela é constituído por momentos de pausas e retornos. No aspecto formal de sua obra, isso se revela na escolha da tinta a óleo, cujo longo tempo de secagem convivia à espera. As camadas superficiais revelam ao espectador a dinâmica dos gestos visíveis: pinceladas curtas, outras longas, vazios e áreas de cor que interrompem o movimento. A marca de terebentina lançada ao acaso para criar a base de uma pintura desaparece por trás das cores, mas orienta os próximos passos, assim como os percursos do olhar e da experiência (do *tal vez*) da artista e de quem observa a composição.

Mirela compartilhou comigo as imagens de diversas obras em andamento da exposição para que eu pudesse acompanhar as camadas na elaboração de cada pintura. Na sua relação com o *talvez* do processo criativo, a artista realiza inserções de textos ao lado das imagens e estabelece um diálogo conosco (espectadores iniciais), demonstrando sua preocupação

**“O ato de criação,
apesar de ser uma
elaboração solitária,
ocorre também
a partir do contato
com o outro em que
o trabalho passa
a ser decifrado”**

em compartilhar e ouvir a opinião de outras pessoas diante de suas dúvidas: “Vocês acham que falta alguma cor? Sinto sobriedade e paz”. Na maneira como ela elabora o “sentir”, também ficam evidentes

as incertezas e a fluidez do processo. “Sinto que faltam poucos ajustes, mas também sinto caminhos percorridos e uma harmonia que devo tomar cuidado para não passar do ponto. Hoje estou olhando com atenção. Até amanhã dou notícias.” O ato de criação, apesar de ser uma elaboração solitária, ocorre também a partir do contato com o outro em que o trabalho passa a ser decifrado. Contudo, o deciframento é algo de cada indivíduo e não ocorre através da imposição de uma leitura definitiva. Nem mesmo a artista pode definir isso. Cada pessoa reage de um





Flerte • 2025

Óleo sobre linho • 200 × 140 cm

modo, enxergando referências que compõem seu repertório pessoal construído até aquele momento. Portanto, a leitura e a sensação diante de um quadro podem ser uma coisa hoje e outra amanhã para uma mesma pessoa. Nossa relação com as descobertas de cada pintura jamais se encerra, nem mesmo para a própria artista.

“Nossa relação com as descobertas de cada pintura jamais se encerra, nem mesmo para a própria artista”

Há em sua rotina no ateliê uma certa ordenação, como a forma de organizar as telas de acordo com as exposições e demandas do período, as delimitações de turnos para a realização da prática da pintura e por aí vai. A princípio, parece que a presença de ordem em alguns aspectos do cotidiano se contrapõe às incertezas do processo. Contudo, nem mesmo a rotina pode eliminar o acaso e a imprevisibilidade aos quais está sujeita a vida.



O *tal vez* se manifesta na observação da colisão das plantas com os canteiros, na variação de tons do céu de São Paulo (ora com nuvens, ora azul, ora cinza) e nos horizontes possíveis de Salvador. Por isso, mais do que se apoiar em referências intelectuais ou imagéticas de outros artistas, seu trabalho se alimenta de uma escuta atenta ao mundo e da sua história pessoal.

Isabel Carvalho é historiadora da arte e pesquisadora independente. Atualmente é doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em Arte, Imagem e Escrita.

Inatural • 2025

Óleo sobre linho • 140 × 200 cm





Verso e reverso • 2025

Óleo sobre linho • 120 × 120 cm



Jazz • 2025

Óleo sobre linho • 140 × 160 cm



Respiro • 2025

Óleo sobre linho • 120 × 120 cm



Um dia • 2025

Óleo sobre linho • 120 × 140 cm





Descanso • 2025

Óleo sobre linho • 40 × 30 cm



Soslaio • 2025

Óleo sobre linho • 120 × 165 cm

ISABEL CARVALHO
ENTREVISTA A ARTISTA
MIRELA CABRAL

IC: Como você situa sua produção na História da Arte? Gostaria que falasse como chegou ao que elabora nos dias de hoje.

MC: Não entendo que a História da Arte seja linear. Porque vão surgindo outras questões como histórias fora do ocidente, mulheres que surgiram como extremamente relevantes enquanto só homens eram citados. Acho que a História da Arte está em movimento o tempo todo. Para contextualizar o espaço e tempo que habito hoje, nasci em 1992 e estou em 2025 em produção. Sobre a minha trajetória artística, em termos de chegar ao mercado, o que eu posso dizer é que há dez anos eu pinto e desenho. Iniciei com uma produção eminentemente figurativa até mais ou menos 2019 e participei de uma feira com um trabalho figurativo em grande escala em que

a figura e as linhas eram muito contidas, às vezes comparadas com Egon Schiele ou pinturas expressionistas alemãs, pelas variações de linha e por ter muitos ossos marcados e coisas do tipo. Era uma coisa muito mais de desenho do que de pintura, mas como eu usava muito pastel a óleo, misturado com grafite e com carvão, tinha uma variação que já indicava que ia para a pintura. Até que chegou um dado momento como se a figura humana explodisse em paisagem. Isso já foi citado por Agnaldo Farias no texto da minha primeira individual. Esses desenhos figurativos poderiam muito bem ser abertos. Gosto muito da frase da Agnès Varda em que ela diz que se você abre um corpo, se você abre um cérebro, você vê uma paisagem. [...]

ENTREVISTA COMPLETA EM:
PAULODARZEGALERIA.COM.BR



Caule I • 2025

Cerâmica • 22 × 20 × 4 cm



Caule II • 2025

Cerâmica • XX × XX × X cm





Caule III • 2025

Cerâmica • 25 × 22 × 2 cm



Escândalo nº 1 • 2025

Cerâmica • 17 × 14 × 3 cm



Escândalo nº 2 • 2025

Cerâmica • 15 × 13 × 3 cm



Escândalo nº 3 • 2025

Cerâmica • 18 × 13 × 2 cm





Escândalo nº 4 • 2025

Cerâmica • XX × XX × X cm



Escândalo nº 5 • 2025

Cerâmica • 17 × 14,5 × 3 cm



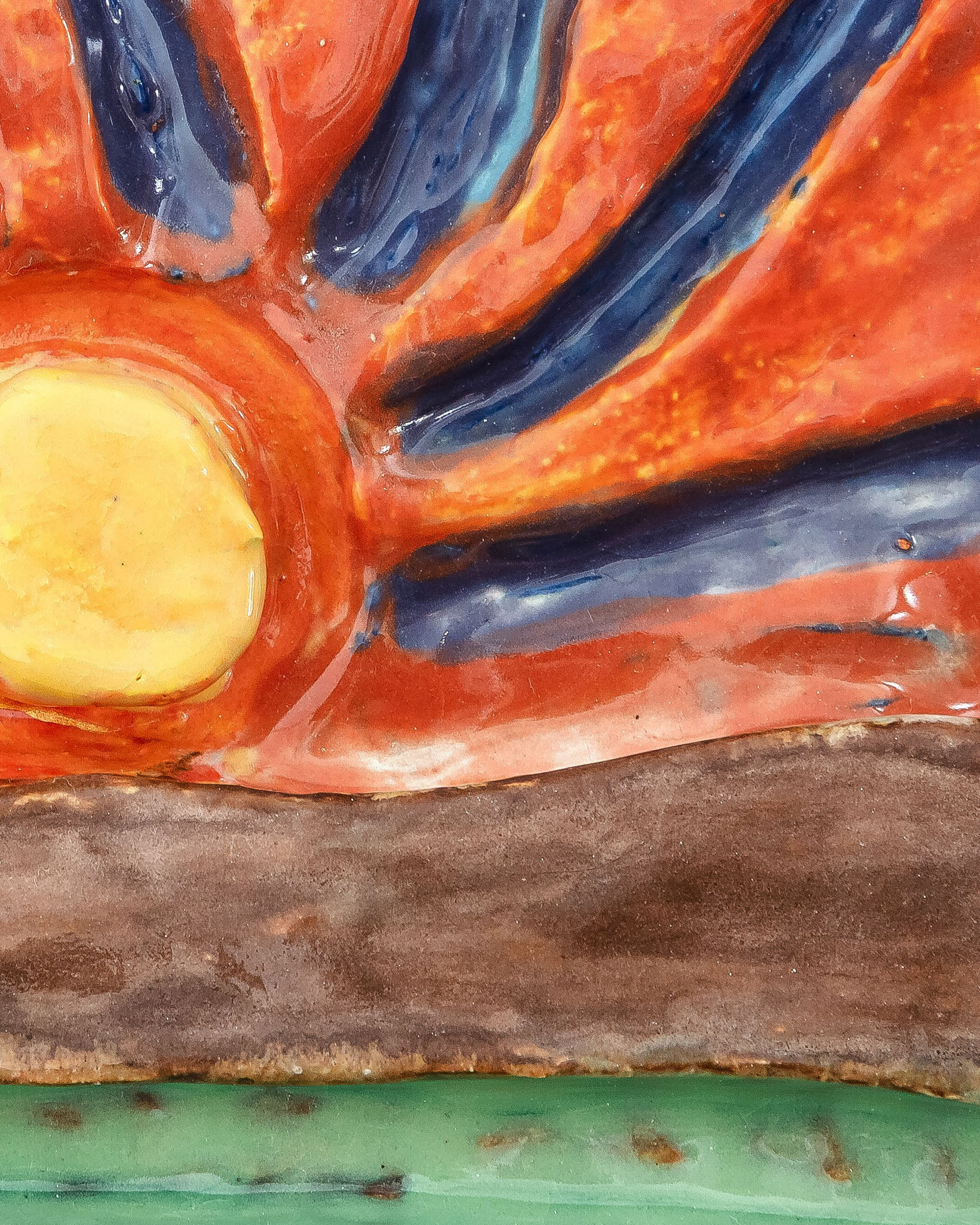
Escândalo nº 6 • 2025

Cerâmica • 13 × 9,5 × 2 cm



Escândalo nº 7 • 2025

Cerâmica • 13 × 15 × 3 cm





Escândalo nº 8 • 2025

Cerâmica • 16 × 19 × 1,5 cm



Escândalo nº 9 • 2025

Cerâmica • XX × XX × X cm



Escândalo nº 10 • 2025

Cerâmica • 14,5 × 11 × 3 cm



Escândalo nº 11 • 2025

Cerâmica • 17 × 14,5 × 3 cm





Mirela Cabral, nascida em Salvador, Bahia, em 1992, desenvolveu uma trajetória artística marcada por uma profunda investigação sobre a interação entre desenho e pintura. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Cinema pela FAAP, Mirela complementou sua formação artística em instituições renomadas como a Parsons Paris e a UCLA.

Por meio de exposições e projetos em diferentes contextos e cidades, Mirela investiga as nuances entre o orgânico e o construído, compondo uma experiência visual que transita entre a materialidade das formas

naturais e a abstração. Suas obras criam uma tensão entre linhas e superfícies que evocam ciclos e texturas do mundo vegetal, promovendo um olhar sensível sobre o diálogo entre o humano e a natureza.

“Mirela investiga as nuances entre o orgânico e o construído, compondo uma experiência visual”



Sua produção recente explora a fronteira entre a figuração e a abstração, numa busca contínua pelo diálogo entre o pictórico e o mundo natural. Mirela tem se destacado no cenário da arte contemporânea, com exposições individuais como *Between Handrails*, no Kupfer Project em Londres, e *Olhos Cheios*, no Paço Imperial, no Rio de Janeiro. Sua presença internacional foi consolidada por participações em mostras como *Sublime Spirit*, na Marianne Boesky Gallery, em Nova York. Suas obras integram importantes coleções públicas, incluindo a Yuan Art Collection, na Suíça.

**COORDENAÇÃO**

Paulo Darzé e Thais Darzé

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Dulcivalva de Menezes Góes

Patrícia Nunes

TEXTO CURATORIAL

Isabel Carvalho

ASSISTENTE GERAL

Maria Victoria Passos

PRODUÇÃO

Letícia Trindade

3D

Luiz Imbiriba

Isabella Richardson

FOTOS

Filipe Berndt

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

P55 Edição

ASSESSORIA E REVISÃO

Claudius Portugal

MONTAGEM

Alex Sandro Almeida Oliveira

Antonio Jorge Reis dos Santos Jr.

Jenivaldo Jesus dos Santos

**PAULO
DARZÉ**

G A L E R I A